



O envelhecimento feminino e o entre-lugar no contemporâneo

Fabírcia Gonçalves Amaral Pontes⁽¹⁾

Miguel José da Silva Brito⁽²⁾

Sara Janai Corado Lopes⁽³⁾

Márcia Ferreira Sales⁽⁴⁾

Hugho Alex Neves Pontes⁽⁵⁾

Sônia Regina Pereira da Cunha⁽⁶⁾

Data de submissão: 29/05/2023. Data de aprovação: 21/06/2023.

Resumo – O presente trabalho aborda a questão do envelhecimento feminino na sociedade brasileira contemporânea a partir da interpretação da obra de autoria feminina *Millamor* (2008) da escritora brasileira Lívia Garcia-Roza. Para tanto realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental com uma abordagem explicativa e qualitativa, tendo com o objetivo principal dar visibilidade aos modos de representação do corpo feminino envelhecido problematizando três aspectos: a) o corpo envelhecido degradado; b) o corpo envelhecido silenciado; c) o corpo envelhecido redimido, a partir da representação de personagens femininas destacadas pela referida autora no desenrolar da narrativa. Em suma, conclui-se que o envelhecimento é uma questão multifatorial, além de um duplo fardo quando se trata de mulheres e idade, isto é, o etarismo também é uma questão de gênero, pois o envelhecimento é um processo distinto entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Corpo feminino; envelhecimento; literatura contemporânea; sociedade brasileira.

Female aging and the in-between place in the contemporary

Abstract – This paper addresses the issue of female aging in contemporary Brazilian society based on the interpretation of the female author *Millamor* (2008) by the Brazilian writer Lívia Garcia-Roza. For that, a bibliographical and documentary research was carried out with an explanatory and qualitative approach, with the main objective of giving visibility to the ways of representing the aged female body, problematizing three aspects: a) the degraded aged body; b) the silenced aged body; c) the aged body redeemed, based on the representation of female characters highlighted by the aforementioned author in the course of the narrative. In short, it is concluded that aging is a multifactorial issue, in addition to a double burden when it comes to women and age, that is, the age factor is also a gender issue, since aging is a different process between men and women.

¹ Docente do curso de Medicina do ITPAC – Porto Nacional. fabricia.amaral@itpacporto.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4106626749811427>.

² Graduando do curso de Medicina do ITPAC – Porto Nacional. migueljsbrito@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/>

³ Docente do curso de Medicina do ITPAC – Porto Nacional. sara.janai@itpacporto.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3199193467116521>.

⁴ Docente do curso de Medicina do ITPAC – Porto Nacional. marcia.sales@itpacporto.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4388397790314091>.

⁵ Docente do curso de Medicina do ITPAC – Porto Nacional. hugho.allex@itpacporto.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4388397790314091>.

⁶ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. sonialetras@mail.uft.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7075015251102024>



Keywords: Female body; aging; contemporary literature; Brazilian society.

Introdução

O presente estudo tem como foco principal abordar a questão do envelhecimento feminino na sociedade brasileira com base na obra literária de Livia Garcia-Roza – Milamor (2008); obra essa que trata de questões como o papel solitário de mulheres envelhecidas representado através nas personagens femininas na configuração social contemporânea brasileira. Num ir e vir entre passado, presente e perspectivas para o futuro, a dinâmica da ordem-desordem-ordem entrelaçam-se no desenvolvimento das obras. Com uma escrita sutil e acessível, a autora coloca em xeque o envelhecimento feminino para além da dupla vulnerabilidade: enquanto mulher e enquanto idosa, ou seja, tem-se a soma de dois tipos de discriminações.

Atualmente, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a parcela populacional que mais cresce no Brasil é a idosa. Esse aumento considerável de pessoas idosas, sobretudo o número de mulheres, o qual é estatisticamente mais elevado que o de homens. Enquanto a quantidade de homens é 93.406.990 habitantes, a de mulheres é de 97.348.809. A projeção populacional para 2060, conforme o mesmo órgão, é de 110.958.642 homens para 117.327.705 mulheres (IBGE, 2019). Fato esse que despertou um interesse no desenvolvimento de pesquisas em diversas áreas do conhecimento, refletindo assim na atuação profissional de médicos, nutricionistas, esteticistas, educadores físicos, educadores, psicólogos, dentre outros.

Entretanto, mesmo com essa diferença representada em números, o envelhecimento feminino acontece de maneira distinta dos homens com a mesma faixa etária. Isto é, enquanto as jovens em idade fértil e produtiva sofrem em busca de uma valorização social, ainda que produzindo e estudando mais que os homens; ao envelhecer, tornam-se invisíveis. Sob esse prisma, por um lado, os corpos delas são considerados inaptos para diversas atividades (segundo os discursos do senso comum). Por outro lado, as que possuem aposentadoria têm sua força de trabalho ativa, porém sem remuneração, ao sustentarem filhos, netos, genros/noras. Muitas, mesmo no ambiente familiar, são consideradas como um fardo que deve ser descartado ou colocado num cantinho, num quartinho dos fundos (SOUSA et al., 2018).

Sendo assim, a autora evidencia o retrato cotidiano de mulheres brancas, com alto poder aquisitivo, heterossexuais, moradoras de bairros nobres das capitais do sudeste. Maria, a protagonista, passou por experiências dolorosas na infância, na adolescência, uma separação traumatizante, um segundo casamento, viuvez e a expectativa de um novo amor (GARCIA-ROZA, 2008). Em termos práticos, quando essas mulheres ficam viúvas, os filhos ou tutores tomam de conta de suas vidas, decidem por elas, inclusive sobre a parte financeira, passando a viver numa solidão acompanhada.

Nesse sentido, essa mulher é portadora de implicações psicológicas, sociais e físicas. A dinâmica que sustenta o preconceito sofrido por essas mulheres ocorrem em lugares diversos; seja no discurso científico que a classifica; seja na medicina que prescreve o que, quando e como ela deve ingerir e fazer para se manter ativa; seja no mercado de trabalho que delimita onde ela poderá trabalhar; seja no direito que fixa o limite de tempo ideal para essas mulheres (NIELSSON; DELAJUSTINE, 2020).

Na obra Milamor, Maria vive a realidade de dominação total de sua filha que a mudou de casa, gerencia suas despesas não permitindo que ela, Maria, tenha o direito de comprar o que quer que seja com o seu próprio dinheiro. Ao contrário, sua filha



levou-a para o seu apartamento por julgar ser melhor para “cuidar” da mãe. Maria vive uma solidão acompanhada dentro do espaçoso apartamento da filha. Sem contar que, só de pensar nos paralelepípedos da rua íngreme onde está localizado o prédio e a fraqueza de suas pernas, entristece-se em sair de casa, limitando sua rotina às ligações telefônicas e conversas com as samambaias (GARCIA-ROZA, 2008). Nestes termos, a questão problematizadora deste estudo é: sob que aspectos o corpo feminino é tratado nas obras destacadas?

Visando abordar a problemática sobre o corpo feminino em envelhecimento, esse trabalho justifica-se por pensar na faixa etária como uma questão de gênero, isto é, numa sociedade imagética, onde não há lugar para fios brancos e rugas e na qual o envelhecimento entre homens e mulheres ocorre de maneira distinta. Essa discussão gira em torno do existir fisicamente e o viver em experiências. Existir em estado de suspensão, estar no entre-lugar, entre o binarismo “poder ser”, referindo-nos às imposições sociais, e o “querer ser”, voltado às vontades do eu e, geralmente, contrapõe aos moldes sociais.

Adiciona-se a isso que, a relevância deste estudo visa articular a relação entre gênero e geração, pois nem sempre é um assunto discutido pelos próprios movimentos feministas, assim como acontece com as mulheres portadoras de necessidades especiais (PNEs). A maioria dos recortes de pesquisas debruça-se sobre estudos relacionados à classe social, etnia, orientação sexual. Percebemos então, a necessidade de lançarmos luz ao silêncio sobre a problemática geracional feminina como uma questão de gênero. Sendo assim, tal perspectiva tem como objetivo central dar visibilidade aos modos de representação do corpo feminino envelhecido problematizando três aspectos: a) o corpo envelhecido degradado; b) o corpo envelhecido silenciado; c) o corpo envelhecido redimido.

Sublinha-se que o corpo feminino tem um papel central no contemporâneo, pois a todo o momento está exposto como um objeto de admiração, desejo, exposição, questionamentos. Embora, silencioso e dissecado, continua sendo o principal suporte da publicidade, influenciando diretamente na construção das identidades onde esse corpo é o sujeito que rege os comportamentos considerados adequados a essas mulheres, ou seja, o responsável pelo seu ir e vir (MATOS; SOIHET, 2003).

Material e Métodos

Trata-se de parte de uma pesquisa dissertativa realizada no ano de 2022, intitulada O retorno do desejo: o envelhecimento feminino nas obras Milamor e Amor em dois tempos, de Lívia Garcia-Roza. Para tanto, realizou-se um trabalho bibliográfico e documental, de caráter explicativo, com abordagem qualitativa, onde procurou-se apreender explicações acerca do envelhecimento feminino no Brasil, a partir dos termos de busca “envelhecimento no Brasil AND Lívia Garcia-Roza”, “corpo feminino AND envelhecimento AND literatura”, “envelhecimento feminino AND literatura brasileira”. Para tal, foram utilizados artigos selecionados a partir dos bancos de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Business Source Complete (EBSCO), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS)

Os critérios de inclusão utilizados na seleção foram produções científicas nacionais e internacionais publicadas no idioma português, com textos completos, publicadas no período de 2000 a 2023 e que respeitassem a temática abordada. Os critérios de exclusão foram produções que fugiram ao tema, repetidas, indisponíveis e aquelas cujos acessos necessitavam da autorização do autor ou de pagamento,



resumos simples e textos publicados em sites e blogs e que não possuíam referências de profissionais e de estudantes da área de pesquisa.

Resultados e Discussão

Com base nos critérios de seleção estabelecidos, 8 artigos dos últimos 20 anos foram selecionados, onde buscou-se analisar os principais estudos sobre o corpo feminino em envelhecimento, tendo em vista dar visibilidade aos modos como ele (o corpo) é interpretado socialmente. Trabalharemos aqui com os mais importantes para este recorte.

Quadro 1: Síntese do levantamento bibliográfico realizado para a análise das obras *Milamor* (2008)

| Nº | AUTORIA | TÍTULO | MÉTODO | ANO |
|----|-------------------------|--|-------------|------|
| 1 | DIAS; SERRA | Mulher, velhice e solidão: uma tríade contemporânea | Qualitativa | 2018 |
| 2 | BONNETI; LIMA; SOUZA | Feminismo, gerontologia e mulheres idosas | Qualitativa | 2011 |
| 3 | BEAUVOIR, S | A velhice | Qualitativa | 1990 |
| 4 | FOUCAULT. M | A ordem do discurso | Qualitativa | 2004 |
| 5 | BOSI, E | Memória e sociedade | Qualitativa | 2009 |
| 6 | SANTOS, SSC | Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica | Qualitativo | 2010 |
| 7 | GOLDENBERG, M | Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira | Qualitativo | 2012 |

Fonte: das autoras

A partir do levantamento bibliográfico, iniciamos definindo a diferença entre envelhecimento ou velhice, onde o envelhecimento é inerente ao ser vivo e se dá em um processo contínuo desde o nascimento. Já a velhice é o estágio alcançado em relação à temporalidade existencial. Em termos práticos, segundo Santos (2010, p. 1036), o envelhecimento é um processo de modificações biológicas, psicológicas e sociais. Entretanto, é na velhice que são aparentemente mais evidentes.

Sendo assim, as modificações biológicas são as morfológicas (aparecimento de rugas, cabelos brancos e outras); as fisiológicas (alterações no organismo) e as bioquímicas (diretamente ligadas às transformações das reações químicas). As modificações psicológicas ocorrem quando, ao envelhecer, as pessoas precisam de adaptar-se a cada situação nova do seu cotidiano. Já as modificações sociais são verificadas quando as relações sociais se tornam alteradas em função da diminuição da produtividade e, principalmente, em se tratando do vigor físico e do poder econômico. Nos países capitalistas como o Brasil, essa alteração é muito evidente (SANTOS, 2010).

Com pensamento complementar a esse, Simone Beauvoir (1990) com base na obra *A velhice*, conceitua o termo velhice como tudo que poderia abarcá-la, ou seja, a velhice é tudo o que acontece às pessoas que ficam velhas; impossível encerrar essa



pluralidade de experiências num conceito. Assim, o estado de velhice não é algo pronto, estático, pois envolve diferentes fatores e não se restringe somente ao critério cronológico. E acrescenta: a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural”, todavia velho é diferente de velha (BEAVOUIR, 1990, p. 20).

Outro aspecto que merece ser destacado é a influência midiática sobre a imagem feminina numa pretensão de que o envelhecimento não ocorra. Há uma tentativa de maquiar, camuflar e imprimir suas imposições estereotipadas, intimamente relacionadas à representatividade desse corpo social, e isso não é diferente na literatura. Os romances de Lívia Garcia-Roza, em especial o que estamos abordando, apresenta mulheres sexagenárias que se olham no espelho e contemplam o corpo envelhecido em descontentamento: “meu corpo faliu”, diz Maria diante de sua imagem refletida no espelho. Mas, o fato de olhar para si não a impede de se ver numa outra perspectiva, como a busca por uma nova conquista amorosa.

O romance de Garcia-Roza, *Milamor*, ao delinear o papel da mulher viúva e aposentada às vésperas de completar 60 anos, traz à luz impasses, transformações e dilemas comuns, em maior ou menor medida, de mulheres que, assim como a personagem da ficção, estão adentrando na velhice e, conforme a categorização do Estado, tornaram-se “idosas”.

Maria é uma mulher que ao longo de sua existência cumpriu os papéis sociais tradicionalmente determinados: filha, esposa, mãe, avó; vivendo quase sempre em função da família. Perdeu a mãe quando ainda era menina e o pai quando já era uma moça. Com o primeiro marido Paulo teve dois filhos. Esse os abandonou sem explicações. O segundo marido (Haroldo), após viverem alguns tranquilos anos juntos, morreu. Vitor, Maria Inês e os netos (filhos de Vitor) são os seus entes familiares.

Vitor quase não a visita. Segundo ela, a justificativa da ausência do filho é a nora que tem ciúmes das amigas de Maria Inês: Minha nora tem ciúmes das amigas de Maria Inês. Acha que nossa casa é um bordel! [...] ela proíbe meu filho de vir aqui, e ele, por sua vez, não quer se incompatibilizar com a mulher [...], portanto não aparece (GARCIA-ROZA, 2008, p.14).

Dividido em vinte capítulos curtos, o enredo do romance é organizado em torno do cotidiano de Maria, protagonista-narradora, oscilando dentre os problemas e as preocupações imediatas que ela vivencia e os acontecimentos pretéritos que lhe vêm à lembrança, exibindo para o leitor alguns fragmentos da sua trajetória, bem como pessoas e momentos marcantes, vividos desde a infância até o momento da narração o que inclui apontamentos sobre a nova realidade do seu corpo que, segundo ela: “apesar das dietas rigorosas, do constante esforço para ir à hidroginástica, e do longo percurso diário das caminhadas, meu corpo faliu” (GARCIA-ROZA, 2008, p.7).

Com o falecimento do seu segundo marido, a protagonista e narradora passa a viver com sua filha caçula - Maria Inês – uma mulher em sua plenitude, com vigor físico e, sempre muito atarefada, decidiu que o melhor seria sua mãe morar com ela em decorrência da idade, segundo ela. Viúva e aposentada, Maria por sempre estar à mercê da família, não possui um projeto de vida para si e se sente perdida, sem expectativa, sem ocupações; como se estivesse num vácuo.

No primeiro momento, Maria descreve como positiva a tomada de posição de Maria Inês: “Moramos bem, minha filha e eu, num bom apartamento, espaçoso, vazio, porque ela não gosta de móveis. Precisa se locomover – nos poucos momentos em que passa em casa –, sem nada ao redor, na amplidão” (GARCIA-



ROZA, 2008, p.8, grifos nossos). As palavras grifadas no primeiro momento possuem um sentido positivo, mas em seguida o efeito de sentido se torna ambíguo, pois ao descrever a casa da filha, entende-se que Maria descreve a si mesma como um prolongamento.

Em seguida, ela reforça (2008, p.7):

Não tive opção. Com a súbita morte de Haroldo e aproveitando-se da confusão do momento, Maria Inês me trouxe para a casa dela, que fica no alto de uma ladeira, no último prédio de uma rua de paralelepípedos, de difícil acesso (...) nunca pensei que fosse terminarmeus dias encarapitada num morro (GARCIA-ROZA, 2008, p.7).

A partir desse excerto, quando a protagonista afirma que não teve opção, evidencia-se a falta de diálogo entre mãe e filha. E mais, demonstra também o quanto a filha exerce total controle sobre a vida da mãe. Ela, a filha, é quem determina onde, como, com quem e onde morar. É nesse cenário controlador arquitetado por Maria Inês que Maria, a protagonista, às vésperas de completar sessenta anos, toma consciência do seu envelhecimento.

Como leitoras das obras, é como se a narradora estivesse nos apresentando de maneira descritiva o estereótipo de uma possível realidade de uma mulher em envelhecimento. Ela e Maria Inês vivem em um apartamento, mas devido à solidão acompanhada, Maria ocupa seu tempo com leituras, ligando para as amigas e conversando com as samambaias “conversar comigo é raro. Quando começo a falar, se não for para me queixar de alguma dor, ela se desinteressa instantaneamente. Está sempre apressada” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 8). Ou seja, o olhar de Maria Inês a respeito da mãe é interpretado como o recorrente na sociedade - uma pessoa que já fez tudo o que tinha para fazer e, no momento o que ela diz não tem tanta relevância, a não ser que seja um problema de saúde.

Maria Inês não tem tempo suficiente para ouvir o que a mãe tem a dizer e trata o que sua mãe diz como se fosse um ruído bem distante, sem relevância, demonstrando assim quem possui poder nessa relação. Eis uma mulher jovem, contemporânea, porém, mais uma que reforça a mentalidade tradicionalista e discriminatória no que tange à velhice.

O posicionamento dessa personagem nos remete às relações de poder em sociedade. Relações essas que, aparentemente, parecem bem pouca coisa, mas são interdições que atingem e revelam rapidamente sua ligação como o desejo e com o poder. Nesse raciocínio, o fato de tentar silenciar e/ou inviabilizar a voz da mulher idosa, às vezes de maneira sutil, reforçando o discurso da questão da idade, do cansaço, da doença, e/ou das coisas da idade, assemelha-se como outrora eram tratados loucos na Idade Média, a começar pela sua imagem física; não tão somente pelo que dizem. Mas o que se descobriria por baixo dessas vozes silenciadas, limitadas que nós não tivéssemos a missão de descobrir, restituindo-lhe, enfim a palavra (FOUCAULT, 2004, p. 52).

O referido autor (2004) na obra *A ordem do discurso* teoriza acerca de um conjunto de mecanismos externos que controlam e delimitam os discursos e que são significativos para esse contexto. São eles:

- a) interdição: é o mecanismo mais disseminado por se tratar do tabudo objeto, do ritual das circunstâncias e ao direito privilegiado daquele que fala;
- b) a separação ou rejeição: oposição entre razão e loucura e,
- c) a vontade de verdade: discurso como uma ferramenta que separa o verdadeiro e o falso imposto pelas instituições. Essa vontade de verdade que

se “impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la (FOUCAULT, 2004, p. 20)”.

Tendo em vista que o desejo de serem ouvidas e reconhecidas embora a sociedade de dominância masculina diga o contrário, a voz, a identidade de mulher idosa é aquilo pelo que se luta. E a identidade resulta dessa identificação entre o imaginário feminino e seu corpo, sua voz, sua sexualidade, seu lugar no mundo, tornando real esse imaginário ao dar-lhe uma autodeterminação, um eu postulado (BAUMAN, 2005), sou eu: uma mulher idosa ainda viva.

Logo, entende-se o conceito de velhice como o reflexo de aspectos sociais e econômicos e não meramente uma questão biológica ou fisiológica, mas um conjunto de multifatorial. E mais, o envelhecimento é uma questão de gênero, pois a todo o momento, embora estejamos vivendo no século XXI, os discursos autoritários sobre a conduta da mulher em envelhecimento ou idosa seguem prevalecendo.

Na obra *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, a pensadora Ecléa Bosi traz pontuações também acerca da manipulação e do domínio que, normalmente recai sobre as pessoas envelhecidas. Para Bosi (2009, p. 78),

No interior das famílias a cumplicidade dos adultos em manejar os velhos, em imobilizá-los com cuidados para “seu próprio bem”. Em privá-los da liberdade de escolha, em torná-los cada vez mais dependentes “administrando” sua aposentadoria, obrigando-os a sair de seu canto, a mudar de casa (experiência terrível para o velho) e, por fim, submetendo-os à internação hospitalar. Se o idoso não cede à persuasão, à mentira, não se hesitará em usar a força (BOSI, 2009, p.78).

Dessa maneira, a obra dialoga com a realidade, tendo em vista que Maria representa um corpo envelhecido e silenciado no seio familiar; como uma objetificação, domesticada, assim como a falta de móveis, como o vazio e amplidão da casa, “eles deliberam a respeito da minha vida sem me consultar. Acho muito desagradável” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 90). Assim sendo, ela se ampara nas samambaias como suas confidentes mais íntimas. As únicas capazes de lhe ouvirem sem julgamentos e críticas.

Uma mulher silenciada pelas imposições da filha que vê na mãe uma senhorinha, vovozinha, devendo sempre submeter-se às vontades de alguém (pais, marido, filhos, netos); uma senhora que deve saber se portar nesse lugar. Maria Inês ocupa o lugar daquele adulto que, segundo Beauvoir (1990, p. 54) “tiraniza o velho que depende dele”, impondo-lhe regras de contenção, condutas de discrição, doçura, passividade, submissão (sempre dizer sim, jamais não), pudor, silêncio, respeitando sempre as aparências. Sua filha é a representação do silenciamento social acerca das mulheres envelhecidas, a começar pela esfera familiar. Nesse momento, surge o questionamento: por que todo esse silêncio acerca do corpo da mulher?

De acordo com Matos e Soihet (2003), esse silêncio sobre o corpo feminino é de longa duração, inscrito na construção do pensamento simbólico da diferença entre sexos, e, sobretudo, reforçado nessa linha do tempo pelo discurso médico ou político ou religioso. Para as autoras, na época contemporânea as circunstâncias mudaram, pois o corpo que antes era particular agora se tornou centro de saberes, poderes e, conseqüentemente, o lugar de um discurso superabundante; às vezes, até verborrágico. Mas, como fica o papel da mulher nesse cenário de complexidades com base na obra Milamor (2008)?

No transcorrer da narrativa, Maria nos apresenta de maneira geral suas amigas mais íntimas; personagens essas que utilizaremos como pano de fundo para



tentar pontuar o papel da mulher em envelhecimento e as complexidades do contemporâneo. Regina é a primeira delas - também, em fase de envelhecimento (embora seja mais nova alguns poucos anos que Maria), é sua confidente e possui um temperamento mais alegre, divertido e muito vaidosa: “Com a idade que está, [...] ainda se envolve bastante. Tornou-se especialista em homens casados, segundo diz. [...] Além de ter feito plástica, Regina procura estar sempre atualizada com os termos da moda” (GARCIA ROZA, 2008, p. 20).

A partir das considerações da protagonista, pode-se entender a personagem Regina como uma mulher que não aceita o envelhecimento e está seguindo a linha de pensamento da sociedade capitalista, para quem o corpo feminino deve estar sempre com a aparência jovial; ela é adepta de todos os tratamentos estéticos possíveis. Segundo sua própria fala: “ser velha estava completamente fora de moda. – Totalmente out!, minha cara!” (GARCIA-ROZA, 2008, p.149).

Regina é uma mulher que cumpre os estereótipos da sociedade contemporânea, na qual o corpo feminino deve estar sempre em forma, enxuto. Submeteu-se a cirurgia plástica, está sempre atualizada sobre moda, tem a sexualidade ativa, embora aos olhos de Maria, sua conduta não seja muito adequada à idade. Nesse sentido, a autora nos apresenta uma realidade feminina que oscila entre a aceitação e a negação do corpo falido, além do julgamento de outras mulheres na mesma faixa etária.

Enquanto, a princípio, Maria aceita um corpo em estado de degradação, mesmo lutando, para manter-se ativa, praticando atividades físicas, Regina nega veementemente a velhice por entender que a beleza e a juventude representam a maneira de redimir esse corpo em degradação. A vivacidade de Regina resiste ao silêncio, à degradação.

Por outro lado, com temperamento caricato, a narradora-protagonista nos apresenta sua madrinha Estela, com 80 anos, sempre às voltas com doenças; algumas delas passam a impressão de ser apenas para chamar a atenção, nada fatídico e assim: “Estela acha que vai morrer todos os dias” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 24). E mais: “Estela gosta de jogar, e vive no bingo. Um dia fez uma confusão tão grande numa dessas casas de jogos que precisou ser contida pelos seguranças” (GARCIA-ROZA, 2008, p.13).

Com Estela, compreende-se que a autora reforça o discurso social estereotipado acerca das mulheres envelhecidas: rabugentas, exageradas, inválidas, caducas; com Regina, querem parecer o que não são – o típico “novinha”, envolvidas com homens casados. Temos então, a representação de duas personagens com temperamentos opostos sobre seus corpos, isto é, cada uma reage de forma diferente sobre si mesma por causa da idade que possuem.

Para Beauvoir (1990), na medida em que a relação do indivíduo com o tempo se modifica, modifica-se também a relação com sua própria história e com o mundo que os cerca. A não aceitação exemplificada pela personagem Regina é absolutamente previsível e natural, enquanto Estela utiliza o fato da velhice como justificativa para viver reclamando e usa essa imagem de vulnerabilidade como subterfúgio para sua solidão. Já Maria é uma observadora crítica da conduta das amigas, mas em nenhum momento se posiciona a favor ou contra o posicionamento de nenhuma das amigas, apenas as observa de longe como se estivesse fazendo um retrato de longe.

Ressaltamos que cada personagem feminina, desse estudo, luta com a solidão à sua maneira, ou seja, de manter a jovialidade do corpo até tornar-se viciada em algo como jogos e bebidas. Sublinha-se ainda que Estela vive sozinha e não tem com



quem contar, pois sua mãe morreu quase centenária. Essa também é uma realidade recorrente na sociedade brasileira - mulheres em envelhecimento cuidando de outras mulheres envelhecidas.

Entendemos as atitudes de Estela como uma estratégia, um refúgio, uma autodefesa ou até mesmo uma vingança para chamar a atenção das pessoas em meio à solidão em que vive e, também, por ter consciência dos anos perdidos cuidando da mãe e por não ter tido a oportunidade de cuidar da sua própria vida. Eis o retrato de mulheres que nunca se casaram ou estão divorciadas ou viúvas e voltaram a morar na casa dos pais ou, então, os levaram para morar em suas casas, cuidando deles até seus últimos dias.

Muitas dessas mulheres anulam suas vidas ao tornarem-se cuidadoras de seus pais. Logo, suas rotinas são modificadas em prol desses cuidados que na maioria das vezes são determinados pelos familiares que já têm suas famílias e não se sentem responsáveis pelos seus pais e, no caso, de terem uma irmã que possa arcar com essa responsabilidade, por que não? A situação dessa personagem faz jus aos estudos de mulheres com mais de 60 anos de Clarice Ehlers Peixoto (1997) citada por Dias; Serra (2018), para quem:

A opção por morar com filho(a) após a separação ou viuvez não é tão voluntária quanto parece; [...]. O mais interessante é que são os filhos quem decidem sobre o destino da mãe, principalmente, quando ela é proprietária do imóvel onde mora. Das duas uma: ou ela vai morar em casa do filho(a), liberando o imóvel para venda ou aluguel e os filhos se beneficiam do produto da negociação ou um dos filhos vem morar com ela, deixando de pagar aluguel (PEIXOTO, 1997, p.150).

Outra personagem feminina que Maria nos apresenta chama-se Alice (mais velha que Maria), não teve filhos e seu segundo marido é um piloto mais jovem que ela, tem uma filha com uma aeromoça (razão dos ciúmes de Alice). A autora nos apresenta o retrato de uma parcela das mulheres brasileiras: as que se casam com homens mais jovens e, as que se apaixonam pelo marido mesmo tendo uma diferença significativa de diferença de idade: “poucos acreditariam, mas se apaixonara pelo marido” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 35).

Conforme os estudos de Goldenberg (2012, p. 55), Alice representa as mulheres brasileiras que consideram o homem como produto raro e extremamente valorizado no mercado, simbolizando assim um valioso capital sexual, objeto de dor e de prazer, sobre o qual “não há segurança, você sabe, os maridos podem nos deixar a qualquer momento (...)” (GARCIA ROZA, 2008, p.35). Ou seja, o papel de Alice pode ser compreendido com o daquela mulher que toma a responsabilidade do relacionamento conjugal totalmente para si; fazer a relação dar certo é sua responsabilidade, ainda mais vivenciando em um ciclo de amizades em que as outras mulheres são solitárias e relacionam-se com homens casados. Uma mulher com corpo reprimido pela supervalorização do marido.

Outra amiga de Maria é Lucila. Sob o olhar da narradora é, aparentemente, a amiga mais feliz dentre elas: “ri com facilidade, talvez porque seja rica. E talvez também porque tenha sido poupada de um grande sofrimento na vida. Era bem casada, com um marido amantíssimo e filhos adoráveis, segundo dizia” (GARCIA ROZA, 2008, p.52). Maria atrela a felicidade de Lucila com o poder aquisitivo almejada por todas as mulheres de sua geração: “um marido, um casamento sólido e satisfatório” (GOLDENBERG, 2012, p.54-55).

Ainda há a personagem Ana Luísa (não menos importante), separada do



marido, amiga que “estava fora havia algum tempo, para espairer. Sofrera um baque forte na vida, por causa do filho” (GARCIA-ROZA, 2008, p.153). Depois de o rapaz revelar-lhe que era homossexual, ela ficou totalmente fora de si e viajou para Paris, onde chorou dias às margens do Sena: “sei perfeitamente que hoje em dia todo mundo é homoerótico [...]. A tendência atual é essa. E não há como lutar contra a vanguarda, mas eu tinha outros planos para Edmond, que se foram Sena abaixo” (GARCIA-ROZA, 2008, p.154-155).

Finalizando, a apresentação das amigas do ciclo classe média, temos a personagem Ana Luísa, uma mulher que projetou todas as suas expectativas no filho, porém ficou frustrada ao descobrir a homossexualidade dele. Ao discorrer sobre a sexualidade do filho, resolveu distanciar-se para tentar assimilar a situação. Em sua mente não há justificativas para ter educado tão bem um filho e este tomar uma decisão tão destoante da realidade que ela, como mãe, considerava a ideal para ele. Graças ao seu elevado poder aquisitivo, foi tentar reconfortar sua frustração em Paris.

Num papel contrastante a protagonista nos apresenta sua amiga Adélia – pobre, velha, sem aposentaria e ainda trabalhando em domicílio como manicure para se sustentar, pois devido a sua idade, nenhum estabelecimento de beleza a contratava. A idade refletia em seu corpo físico e destoava entre os padrões estéticos de beleza existentes na sociedade contemporânea - “Adélia estava velha, não tinha aposentadoria, e nenhum salão aceitava mais contratá-la; restaram então as antigas clientes que se mantiveram fiéis e que se submetiam semanalmente aos tremores de suas mãos” (GARCIA-ROZA, 2008, p.75).

A velhice de Adélia demonstra a vulnerabilidade de uma mulher pobre envelhecida, representando como a velhice tem outro contorno em decorrência da falta de poder econômico. Adélia é a representação de que o fato de ser privada de dinheiro para cuidar de si, dificilmente conseguirá manter seu sustento com o prolongamento da idade. Logo, nos questionamos: por quem ela será amparada quando não tiver mais condições de trabalhar? O que fazer quando suas clientes fiéis e também envelhecidas não existirem mais?

A obra não é, necessariamente, sobre a realidade de mulheres envelhecidas como Adélia, mas sim, como as das amigas de Maria, todavia, lança luz acerca dessa possibilidade real, mesmo sem sinalizar soluções para o desenrolar da vida da personagem. Conforme sugere a narradora: “[...] é melhor que não continuemos a falar sobre a vida de Adélia, porque teríamos que tocar nos filhos dela, que moram no interior e são terrivelmente ingratos. Uns burgueses” (GARCIA-ROZA, 2008, p.75).

O ponto essencial dessas realidades é que cada uma é repleta de experiências felizes ou tristes entrelaçadas nas posições financeiras e sociais. Cada uma com suas nuances. O fato de ser amigas bem próximas, auxiliam-se no quesito convivência, entretanto, enquanto para ela seu futuro parecia um final solitário previsível, no transcorrer da narrativa, o amplo vazio sentido por Maria é interrompido quando conhece um “jovem senhor”. Pouco se sabe sobre ele, mas ainda assim apaixona-se. Ele se chama Alencar e traz consigo um sopro de esperança a Maria, dando um novo fôlego a sua história. – “bastou um olhar de relance para o tal senhor, para que eu fosse arremetida à região dos sonhos” (GARCIA-ROZA, 2008, p.11).

Assim, nos capítulos iniciais da obra *Mil amor*, a protagonista ainda não tem certeza sobre a sua identidade ou que rumos possíveis sua vida poderia tomar após a morte de seu marido, por isso, ela adere, sem questionar, às imposições da filha para quem as vontades da mãe são irrelevantes. Entretanto, no percurso narrativo, uma desordem, um sopro de juventude representado pelo personagem Alencar ativará uma nova identidade em Maria.



Apaixonada por Alencar, Maria volta a sonhar com a possibilidade de um relacionamento amoroso e também sexual. A primeira vez que ela viu, fez com que pensemos naqueles momentos de êxtase, assim a narradora nos conta: “Um clarão em meio à neblina. Um farol ao crepúsculo. [...] Uma luz. Um fecho. Uma fulguração. Que não mais cessou de expandir seus raios cintilantes. Passei a ter sonhos turbulentos com o homem que eu havia visto apenas uma vez. Uma única vez” (GARCIA-ROZA, 2008, p.11).

Até então Maria era uma mulher entregue à melancolia, porém, a partir deste encontro sente um despertar que há tempos não experimentava: “[...] fiquei feliz em me sentir totalmente fora do prumo. Lembro com nitidez dessa experiência devastadora. Só um homem até então me confundira tanto assim. E não fora Haroldo, que me propiciara uma relação plácida, destituída de embates” (GARCIA-ROZA, 2008, p.12).

A partir desses sentimentos e encontros Maria, aquela mulher cheia de lembranças passadas, disciplinada pela filha torna-se uma mulher apaixonada por outro homem, mesmo depois de ter sido abandonada pelo primeiro marido e ter ficado viúva do segundo. Maria se permite amar novamente. Com isso, o passado ficou onde deveria ficar: somente em lembranças que agora quase nem são recordadas, pois a alegria e a paixão irradiam os seus dias.

Com essas novas perspectivas de vida, Maria lança outro olhar para o seu corpo e sabe que deve cuidar dele de outra maneira. No início da obra ela já tinha rotulado ele como falido, mas agora está ciente da falta de cuidado com o corpo, ainda mais na velhice que a perda do valor social é um fato, ainda mais para as mulheres.

De acordo com Simone de Beauvoir em sua obra intitulada *A velhice* (1990):

Nem na literatura, nem na vida, encontrei qualquer mulher que considerasse sua velhice com complacência. Do mesmo modo, nunca se fala em “bela velha” no máximo se dirá “uma encantadora anciã”. Ao passo que admiramos certos “belos velhos”; o macho não é uma presa; não se exige dele nem frescor, nem doçura, nem graça, mas a força e a inteligência do sujeito conquistador; os cabelos brancos e as rugas não contradizem esse ideal viril (BEAUVOIR, 1990, p.364).

O corpo da mulher idosa está associado ao prestígio social e à perda de papéis. Nessa mesma linha de pensamento, ser mulher e estar em envelhecimento é um duplo peso suportado pelas mulheres, conforme destaca Guita Grin Debert (2016, p. 140):

Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria caracterizada por uma série de eventos associados a perdas, como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade (DEBERT, 2012, p. 140).

Em se tratando de Maria, embora ela se sinta uma nova mulher por estar apaixonada, ela tem consciência dos estigmas íntimos e sociais tais como a timidez, a desproporção entre o vigor do corpo e a idade. Um certo desagrado com o corpo lhe preocupa ainda mais em se tratando de uma sociedade capitalista em que a mídia, a propaganda faz circular instantaneamente imagens de corpos malhados, bronzeados, com inúmeros tratamentos estéticos disponíveis para que as pessoas se tornem cada dia mais atraentes, e, sobretudo, desejáveis a qualquer custo. Sempre



há um produto disponível para qualquer que seja o “problema” – ocultando assim todos os indícios de que a velhice existe.

Segundo a protagonista (Garcia-Roza, 2008, p.124, grifo nosso):

Atualmente ninguém quer envelhecer. Tem-se pavor da velhice. Sempre houve esse medo, mas hoje em dia existem meios senão para contorná-la, pelo menos para atenuá-la. Parece que a proposta é passarda juventude à decrepitude. O envelhecimento foi descartado do calendário oficial, como totalmente fora de moda. (GARCIA-ROZA, 2008, p.124)

Embora Maria teça críticas ao padrão vigente de beleza, rende-se ao comportamento exigido pelo capitalismo vigente que não tolera a velhice, ou seja, embora tivesse tecido críticas à sua amiga Regina quanto aos cuidados considerados por ela, Maria age como a amiga visando apagar vestígios da idade e garantir uma imagem bem cuidada para seduzir Alencar:

Consultas e mais consultas. Voltei a falar com Regina e ela me sugeriu preenchimento em vários pontos da face. Principalmente em torno dos lábios. Estava com umas ruguinhas em volta dele, como se tivesse falado em francês a vida toda. Teria jeito? perguntei. Regina me indicou um dermatologista e, quando terminasse a consulta, que eu não esquecesse de ligar para ela. Fui também ao dentista; estava com algumas provisórias, e temia que elas se soltassem, caso houvesse uma intimidade maior entre nós. Não é bom ser pega desprevenida. [...] Faria tudo que estivesse ao meu alcance para agradar a Alencar (GARCIA-ROZA, 2008, p.54-55).

De acordo com o excerto, percebemos o compromisso da autora Livia Garcia-Roza em demonstrar o quão difícil é romper com os estigmas, com os pré-conceitos e acima de tudo com os preconceitos enraizados de geração a geração, enfatizando o quanto para a mulher idosa essa mudança é mais árdua tendo em vista que quanto mais se envelhece, as exigências sociais também se ampliam.

Manter o corpo plenamente em vigor é humanamente impossível, como explica a protagonista: “É um risco ficar mais velha – como se não coubéssemos mais no mundo (GARCIA-ROZA, 2008, p.58)”. E mais, essa tendência fica pior ainda mais quando o assunto é a busca por um par amoroso tendo em vista a sociedade cheia de tabus que privilegia as mulheres jovens. Assim, “se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme, parecem, odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória (BEAUVOIR, 1990, p.10)”.

Infelizmente, há que se sublinhar que os discursos preconceituosos acerca da velhice são proferidos, inclusive, por sujeitos que também são envelhecidos. Esse comportamento a autora também deixa explícito quando Maria faz uma avaliação de si mesma e de suas mudanças: “O que estaria prestes a me acontecer?... Durante toda a vida eu havia sido discreta, reservada, comedida. Esperei envelhecer para me tornar despuorada? Perder a contenção? (GARCIA-ROZA, 2008, p.69)”.

A própria protagonista considera estranho as suas mudanças de comportamento, seus desejos e impulsos sexuais não condizem com a mulher recatada que ela era e nem com o que foi instruída a ser. Ela perde um pouco o prumo e não sabe como será, de fato, sua vida depois dessa mudança. Maria apenas sente que não é mais a mesma, questionando sua identidade. Crente de suas convicções, portava uma identidade estabelecida de acordo com os padrões socialmente estabelecidos, mas logo se abala ao se ver diante de uma outra perspectiva.

Assim, de acordo com Stuart Hall na obra A identidade cultural na pós-



modernidade (2006, p. 9): “as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visualizado como sujeito unificado.” E segue (HALL, 2006, p.13):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Agora Maria não é mais aquela senhora extremamente dependente que a filha lhe forçava a ser. Essa mudança é conceituada por Bauman (2007, p. 16) como reciclagem identitária por assegurar a existência de possibilidades do indivíduo em refazer seu eu, assim que as possibilidades vão lhe sendo apresentadas como um renascimento perante o que foi e não o é mais.

A transição de um corpo que ora silenciado, e degradação para um corpo redimido pelo fato de romper com o modelo esperado de uma mulher idosa, aberta para o amor, para novas experiências, arriscando-se num cenário até então desconhecido e sem garantias ou estabilidades: “Melhor seria optar por um amor platônico, mais condizente com a minha idade[...]. Quem disse que aquele homem tinha interesse em mim?” (GARCIA-ROZA, 2008, p.96). Em suma, Maria não recua diante das novas experiências, sai do ostracismo, recusa a imobilidade de dias pretéritos e investe na melhoria de sua qualidade de vida.

Conclusão

A partir do estudo interpretativo da obra *Milamor* tivemos a oportunidade de entrelaçar o campo literário encaminhando-se para temáticas atuais, como o envelhecimento feminino, possibilitando assim apreendermos sobre uma questão social representada por personagens femininas detalhando como é ser uma mulher envelhecendo numa sociedade capitalista, que embora contemporânea, ainda é autoritária ao invisibilizar as vozes das mulheres, silenciando-as, a começar pelos familiares.

A obra também apresenta o posicionamento das personagens sobre como cada uma interpreta o envelhecimento, como cada uma justificativa o declínio do vigor físico, da solidão acompanhada, assim como o poder aquisitivo ou a falta dele também é um aspecto que torna essa fase um fardo ou uma oportunidade para se reinventar e manter-se socialmente ativa como por exemplo viajando para o exterior, fazer cirurgias plásticas, participar de jogos, usar bebidas alcoólicas, relacionamentos abertos ou ainda ter que trabalhar com todas as limitações físicas para sustentar-se.

Temos então, a protagonista Maria como a representação de um corpo envelhecido redimido por reestabelecer uma rotina em prol da sua qualidade vida ao lado de um parceiro que também estava sozinho. Adélia representa um corpo silenciado pela ausência dos filhos que a exploravam financeiramente mesmo ela sendo uma pessoa idosa e vulnerável, tinha que trabalhar para sustentar a família. Foi silenciada também por não ter mais um corpo condizente com o padrão estético da época atual, assim, foi demitida do salão onde trabalhava e passou a atender em domicílio mulheres da mesma faixa etária que a sua.

Por corpo degradado temos a personagem idosa que cuidava de sua mãe também idosa (quase centenária). O fato de ter cuidado de sua mãe durante muito



tempo fez com que ela se entregasse a jogatina e ao alcoolismo, ou seja, já não tinha mais nenhuma expectativa de vida, pois já estava com 80 anos e sozinha no mundo sem mãe, sem pai, sem marido, sem filhos.

Referências

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zorge Zahar Editor, 2004.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Claudia Augusta Ferreira Deud (organizadora). 7. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. (Série legislação; n. 273). Disponível em: <http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/763>. Acesso em 20/04/2023.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Departamento de População e Indicadores Sociais. **Perfil dos Idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/aceso maio/2023>.

BEAUVOIR, S. *A velhice*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. BITTENCOURT, A. Sua Excia. a Presidente da República no Ano 2.500. In: SUSAN C. Quinlan & PEGGY Sharpe. **Dois Modernistas Esquecidas: Adalzira Bittencourt e Ercília Nogueira Cobra: Visões do Passado, Previsões do Futuro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Goiânia: Editora da UFG, 1996.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 11ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DEBERT, G. G. Migrações e o Cuidado do Idoso. *Cadernos Pagu*, n. 46, 2016.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso** – Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 1996. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Ed. Graal, 1979.

GARCIA-ROZA, L. **Milamor**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras., 2008

GOLDENBERG, M. **Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira**. Uberlândia-MG. Caderno Espaço Feminino, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeuda Silva e Guaracira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

MOTTA, A.B. **Feminismo, gerontologia e mulheres idosas**. In: BONNETI, A. E LIMA E SOUZA, M.F. (Org.). *Gênero, mulheres e feminino*, Salvador: EDUFBA: NEIN- (Coleção Bahianas; 14), p.71-89, 2011.

NIELSSON, Joice Graciele; DELAJUSTINE, Ana Claudia. A dimensão pública da violência de gênero e a inscrição política do corpo como território: muito mais do que “briga de marido e mulher”. **REVISTA QUAESTIO IURIS**, v. 13, n. 01, p. 322-347, 2020.

PEIXOTO, C.E. **Processos diferenciais de envelhecimento**. In: Família e



envelhecimento. (Org). PEIXOTO, Clarice Ehlers. Rio de Janeiro:FGV, 2004. p. 9-8.

SOUSA, N. F. DA S. et al.. Envelhecimento ativo: prevalência e diferenças de gênero e idade em estudo de base populacional. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 11, p. e00173317, 2018.